

DF - Economia
 CONJUNTURA COMÉRCIO E SERVIÇOS FATURARAM 9% A MAIS NO ANO PASSADO NO DF

Crescimento expressivo

Francisco Dutra

O setor de comércio e serviços do Distrito Federal fechou 2007 com um crescimento de 9%, frente a 2006. Segundo a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do DF (Fecomércio-DF), trata-se de um avanço expressivo em comparação com a média nacional, próxima a 7%. No primeiro trimestre de 2008, o desempenho da economia local deverá ser tímido. No entanto as vendas deverão se aquecer novamente a partir de abril.

"Tivemos um ano muito bom. Os resultados foram positivos a cada mês", afirma o presidente da Fecomércio, senador (DEM-DF) Adelmir Santana. O bom desempenho da economia brasiliense teve a ajuda do avanço das transações com cartão de crédito. Segundo Santana, no cálculo do Produto Interno Bruto (PIB), que representa a soma de todos serviços e bens produzidos no País, as transações com o chamado dinheiro de plástico tiveram uma participação colossal: 37%.

Juros e CPMF

A queda dos juros e a desvalorização do dólar também impulsionaram o bom desempenho do setor. Para o presidente da Fecomércio, o fim da CPMF foi a principal mudança das economias local e nacional no ano passado. "Isso vai ter uma influência enorme. São R\$ 40 bilhões que vão estar nas mãos da população, dos consumidores. Isso vai dar um impulso na economia", prevê o senador.

No entanto, o problema tributário ainda é preocupante. Isso porque, na composição dos preços dos produtos e serviços a carga tributária representa 37%. "É um número absurdo, quando comparamos com os impostos nas economias mais desenvolvidas. O ideal é que esta carga fosse de somente 20%", critica o presidente da Fecomércio. Segundo o ele, o País perde a

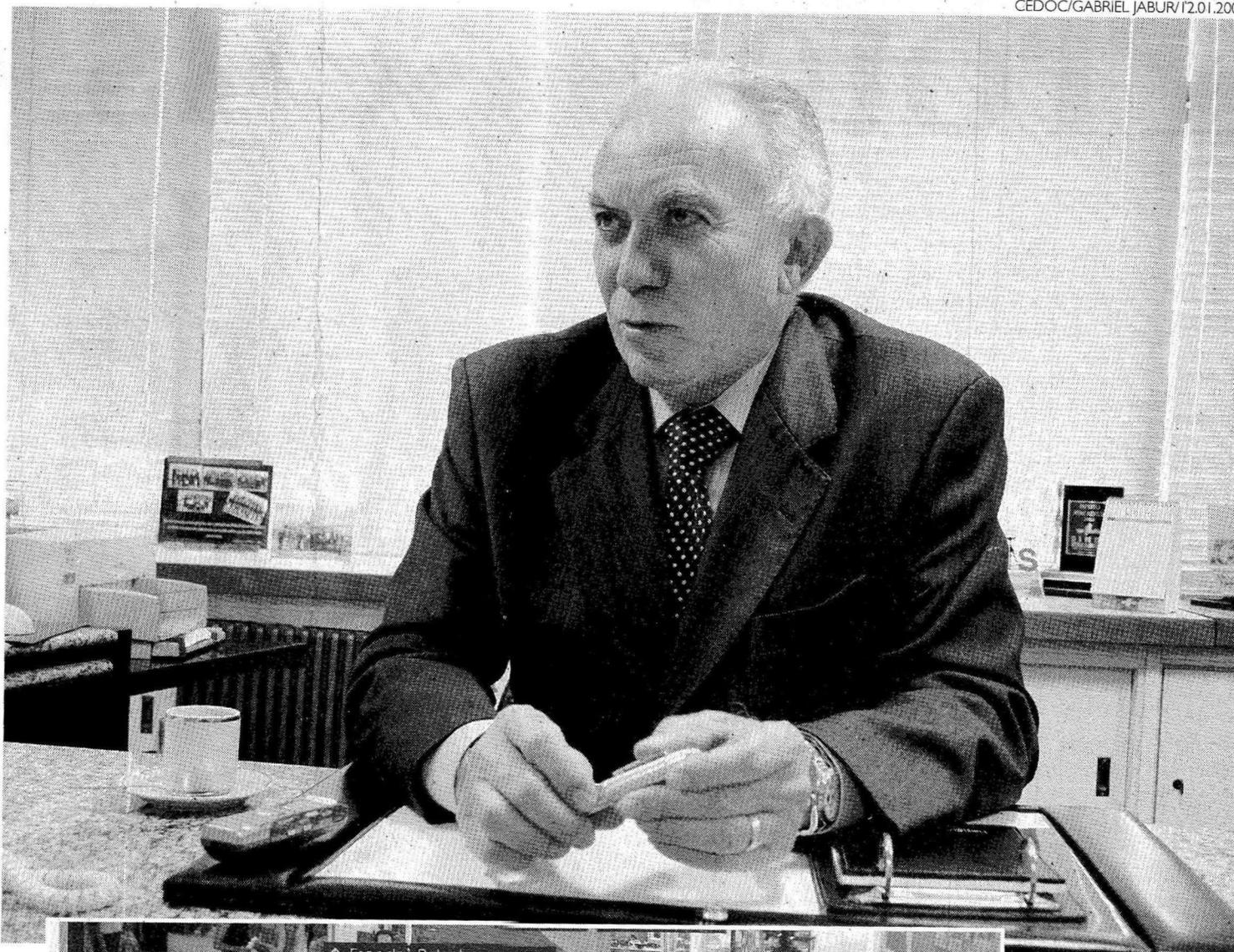
oportunidade de investir estes recursos para o crescimento da iniciativa privada.

Outro tema de impacto na economia candanga é a possibilidade de privatização do Banco de Brasília (BRB). Para Santana, antes da venda o governo deveria estudar a regionalização da instituição bancária. "Temos banco para o Nordeste, para a Amazônia, mas não temos um voltado para o desenvolvimento econômico da região Centro Oeste", sugere.

Mas como esta reestruturação ainda está muito longe das mesas de discussão do GDF, o presidente da Fecomércio defende a privatização do BRB, em segundo lugar. Como a instituição deverá perder a exclusividade das contas públicas nos próximos anos, a concorrência com grandes bancos da iniciativa privada seria desastrosa.

A subutilização dos recursos do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO) também foi um tema de importância para os negócios no DF. Dos R\$ 400 milhões à disposição da iniciativa privada local para empréstimos, apenas R\$ 200 milhões foram solicitados. De acordo com Santana, o acesso aos recursos deveria ser simplificado. "Para que um pequeno empresário pegue R\$ 10 mil emprestados, ele precisa ter R\$ 30 mil como garantia. A maioria das microempresas não tem este capital a disposição", comenta o senador.

Além da facilitação do acesso, Santana também defende a redefinição dos limites de liberação dos recursos do FCO. "Hoje o fundo só pode disponibilizar 10% do seu dinheiro para o setor de comércio e serviços. Mas a vocação do DF é justamente para o comércio e serviços. Acredito que o certo seria reduzir os limites para as áreas com menos expressão (indústria e agricultura) no DF e ampliar a disponibilidade para estes segmentos", diz o presidente da Fecomércio.



CEDOC/GABRIEL JABUR/12.01.2007

■ SANTANA ACREDITA QUE OS SETORES DE COMÉRCIO E SERVIÇOS EM BRASÍLIA DEVEM SOFRER RETRAÇÃO NOS TRÊS PRIMEIROS MESES DE 2008. NO ENTANTO, A PARTIR DAÍ, A SITUAÇÃO RETOMA A ROTA DO CRESCIMENTO. EM 2007, O FATURAMENTO SUPEROU OS 9%